

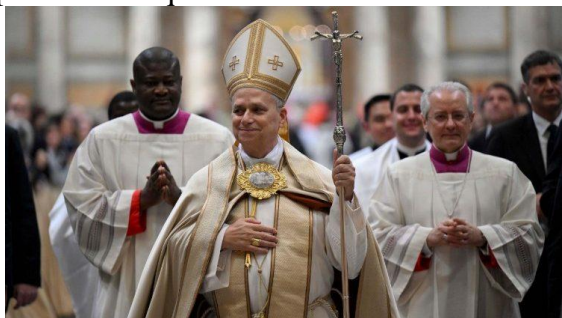
"Já somos um!": Papa indica no caminho sinodal o futuro do diálogo ecumênico

Na tarde deste domingo, 25 de janeiro, Leão XIV deixou o Vaticano para celebrar as Vésperas na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, encerrando assim a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. No Hemisfério Sul, esta celebração é realizada entre a Solenidade da Ascensão do Senhor e o Domingo de Pentecostes.

Bianca Fracalvieri - Vatican News

No dia da festa da Conversão do Apóstolo, o Papa Leão presidiu às vésperas ao lado de expoentes de outras denominações cristãs na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, zona sul de Roma.

A tradicional celebração marca o encerramento, no Hemisfério Norte, da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. "Ao estarmos reunidos junto dos restos mortais do Apóstolo das Gentes, deste modo nos é recordado que a sua missão é também a missão dos cristãos de hoje: anunciar Cristo e convidar todos a depositarem a sua confiança Nele", afirmou o Santo Padre em sua homilia, recordando que a Semana que se conclui é um convite anual para todos os cristãos de renovar o compromisso nesta grande missão, conscientes de que as divisões não impedem a luz de Cristo de brilhar, mas "tornam mais opaco o rosto que a deve refletir no mundo".



Papa na celebração das vésperas (@Vatican Media)

Já somos um!

O Pontífice mencionou a visita que fez à Turquia em novembro passado para celebrar os 1700 anos do Concílio de Niceia: "Recitar juntos o Credo niceno no próprio local onde fora redigido constitui um testemunho precioso e inesquecível da nossa unidade em Cristo", afirmou o Papa, fazendo votos de que o Espírito Santo possa achar hoje nos cristãos uma "inteligência dócil para, a uma só voz, comunicarmos a fé aos homens e mulheres do nosso tempo!".

Leão XIV comentou o trecho da Carta aos Efésios escolhido como tema para a Semana de Oração deste ano, em que se ouve repetidamente o qualificativo "um": *um* só corpo, *um* só Espírito, *uma* só esperança, *um* só Senhor, *uma* só fé, *um* só batismo, *um* só Deus (cf. *Ef* 4, 4-6).

"Queridos irmãos e irmãs, como poderão estas palavras inspiradas não nos tocar profundamente? Como poderá o nosso coração não arder perante o seu impacto? (...) Somos um! Já o somos! Reconheçamo-lo, experimentemo-lo, manifestemo-lo!"

Juntos rumo ao Jubileu de 2033

Na esteira do seu "amado predecessor, Papa Francisco", Leão XIV citou a experiência das duas Assembleias do Sínodo dos Bispos de 2023 e 2024, que foram caracterizadas por um profundo zelo ecumênico e enriquecidas pela participação de numerosos delegados fraternos. E indicou no caminho sinodal o futuro das relações ecumênicas: "Considero que este seja um caminho para crescermos juntos no conhecimento mútuo das respectivas estruturas e tradições sinodais. Enquanto aguardamos os 2000 anos da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus em 2033, comprometamo-nos a desenvolver ainda mais as práticas sinodais ecumênicas e a partilhar reciprocamente o que somos, o que fazemos e o que ensinamos".

Antes de encerrar a sua homilia, o Papa agradeceu a todas as delegações presentes, de modo especial aos membros das Igrejas da Armênia, que prepararam o material para a Semana de Oração deste ano. "Com profunda gratidão, pensamos no corajoso testemunho cristão do povo armênio ao longo da história: uma história em que o martírio foi uma marca constante", disse o Pontífice, citando o santo católico São Nerses Snorkhali "o Gracioso", que trabalhou pela unidade da Igreja no século XII.



Cerca de 2500 pessoas participaram da cerimônia (@VATICAN MEDIA)

Não se trata de vantagem ou ganho político, mas de pregar o Evangelho

Leão XIV também citou as palavras pronunciadas por São João Paulo II em solo armênio em 2001, quando afirmou que "os cristãos devem ter uma profunda convicção interior de que a unidade é essencial não por uma vantagem estratégica ou um ganho político, mas pelo interesse da pregação do Evangelho".

A Armênia, inclusive, é considerada a primeira nação cristã com o batismo do rei Tiridate em 301 por São Gregório, o Iluminador. "Demos graças pela forma como, por meio de intrépidos anunciadores da Palavra que salva, os povos da Europa Oriental e Ocidental acolheram a fé em Jesus Cristo; e rezemos para que as sementes do Evangelho continuem a produzir neste Continente frutos de unidade, justiça e santidade, também em benefício da paz entre os povos e as nações do mundo inteiro", concluiu o Santo Padre.

Estavam presentes na Basílica de São Paulo Fora dos Muros membros do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos e líderes e representantes das várias Igrejas e comunhões cristãs mundiais, como o Metropolita Polykarpos do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, o Arcebispo Khajag Barsamian da Igreja Apostólica Armênia, e o Bispo Anthony Ball, da Comunhão Anglicana. Também participaram da celebração os estudantes do Instituto Ecumênico de Bossey do Conselho Mundial das Igrejas.

Fonte: Vatican News

O Papa no Angelus: Deus não exclui ninguém e não veio apenas para os puros

Também nós, cristãos, devemos vencer a tentação de nos fecharmos: o Evangelho deve ser anunciado e vivido em todas as circunstâncias e ambientes, para que seja fermento de fraternidade e paz entre as pessoas, as culturas, as religiões e os povos. Foi o que disse o Leão XIV no Angelus deste domingo, o III do Tempo Comum e também Domingo da Palavra de Deus

Raimundo de Lima – Vatican News

Tal como os primeiros discípulos, somos convidados a acolher o chamamento do Senhor, na alegria de saber que cada tempo e cada lugar da nossa vida são visitados por Ele e atravessados pelo seu amor: disse o Santo Padre no Angelus deste domingo, 25 de janeiro, o III do Tempo Comum, Domingo da Palavra de Deus e também festa da Conversão de São Paulo.

Na alocução que precedeu à oração mariana, Leão XIV, atendo-se ao Evangelho do dia (*Mt 4,12-22*), ressaltou que Jesus, tendo recebido o batismo, inicia sua pregação e chama os primeiros discípulos: Simão Pedro, André, Tiago e João. O Papa frisou que Jesus iniciou sua missão num momento que não parecia ser o melhor: João Batista acabara de ser preso, por isso, os líderes do povo estavam pouco dispostos a acolher a novidade do Messias.

O Evangelho nos pede o risco da confiança

Trata-se de um tempo que recomendaria prudência, destacou o Pontífice, mas é precisamente nesta situação obscura que Jesus começa a trazer a luz da boa nova: «Está próximo o Reino do Céu».

“Também na nossa vida pessoal e eclesial, por vezes devido a resistências interiores ou a circunstâncias que consideramos desfavoráveis, pensamos não ser o momento certo para anunciar o Evangelho, para tomar uma decisão, para fazer uma escolha, para mudar uma situação. Porém, o risco é ficarmos paralisados pela indecisão ou prisioneiros de uma prudência excessiva, quando o Evangelho nos pede o risco da confiança: Deus trabalha em todo o tempo, sendo bom qualquer momento para o Senhor, mesmo se não nos sentimos preparados ou se a situação não parece ser a melhor.”

Deus se aproxima de todos, não exclui ninguém

O relato evangélico, prosseguiu o Papa, também nos mostra o lugar onde Jesus começa a sua missão pública: Ele, «abandonando Nazaré, foi habitar em Cafarnaúm». Permanece contudo na Galileia, um território habitado principalmente por pagãos, que, devido ao comércio, é também uma terra de passagem e de encontros; poderíamos dizer que é um território multicultural, atravessado por pessoas com origens e filiações religiosas diferentes, observou Leão XIV.

O Evangelho diz-nos, desta forma, que o Messias vem de Israel, mas ultrapassa as fronteiras da sua terra para anunciar o Deus que se aproxima de todos, não exclui ninguém e não veio apenas para os puros, antes pelo contrário, envolve-se nas situações e nas relações humanas.

Vencer a tentação de nos fecharmos

“Também nós, cristãos, devemos vencer a tentação de nos fecharmos: o Evangelho deve ser anunciado e vivido em todas as circunstâncias e ambientes, para que seja fermento de fraternidade e paz entre as pessoas, as culturas, as religiões e os povos.”

O Pontífice concluiu convidando todos a rezar à Virgem Maria, para que nos conceda a confiança interior e nos acompanhe ao longo do caminho.

Fonte: Vatican News

Dia Mundial das Missões, o Papa: nenhum batizado é estranho ou indiferente à missão



Irmãs missionárias na Índia

Em sua mensagem para o 100º Dia Mundial das Missões, Leão XIV recorda o contexto atual marcado por "polarizações", "conflitos" e "desconfiança mútua", exortando a uma unidade que não deve ser entendida como "uniformidade", mas como uma convergência na qual diferentes culturas se expressam "na mesma fé"

Vatican News

Os conflitos do nosso tempo, juntamente com a crescente "desconfiança mútua", traçam linhas de fratura que enfraquecem o testemunho evangélico. Neste cenário, a proclamação do Evangelho exige, em primeiro lugar, corações pacíficos e espíritos reconciliados, capazes de preservar e gerar uma unidade que não é uniformidade nem soma de práticas ou ideias, mas encontro vivo: um encontro que, em diversas culturas, se expressa na harmonia de uma única fé. É nesta esperança que o Papa Leão XIV fundamenta a sua mensagem para o 100º Dia Mundial das Missões, instituído há um século por Pio XI e que será celebrado em 18 de outubro próximo, com o tema: *"Um em Cristo, unidos na missão"*. *Deixemo-nos guiar e inspirar pela graça divina, para «renovar em nós o fogo da vocação missionária» e avançar juntos no empenho pela evangelização, numa «nova era missionária» na história da Igreja.*

O cristianismo, não uma coleção de práticas, mas uma vida em união

No coração da missão, o Papa identifica o "mistério da união com Cristo". Nas palavras de Jesus que precederam a Paixão — "Para que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em mim, e Eu em ti, para que assim eles estejam em Nós" — revela-se o desejo mais profundo do Senhor Jesus, e ao mesmo tempo, a identidade da Igreja: "ser uma comunhão que nasce da Trindade e que vive da e na Trindade", ao serviço da fraternidade entre todos os seres humanos e da harmonia com todas as criaturas.

Ser cristão não é, em primeiro lugar, um conjunto de práticas ou ideias: é uma vida em união com Cristo, na qual nos tornamos partícipes da relação filial que Ele vive com o Pai no Espírito Santo.

Corações reconciliados e desejosos de comunhão

Precisamente na renovação da unidade espiritual e fraterna entre seus membros, escreve o Pontífice, reside a primeira responsabilidade missionária da Igreja.

Em muitas situações, assistimos a conflitos, polarizações, incompreensões, desconfiança mútua. Quando, também nas nossas comunidades, isso acontece, o seu testemunho enfraquece. A missão

evangelizadora que Cristo confiou aos seus discípulos requer primeiramente corações reconciliados e desejosos de comunhão.

Nesta ótica, será importante intensificar o compromisso ecuménico com todas as Igrejas cristãs, aproveitando também as oportunidades suscitadas pela comum celebração do 1700.º aniversário do Concílio de Nicéia.

A evangelização não pode deixar de proclamar Jesus

Ser "um em Cristo", acrescenta Leão XIV, chama-nos a manter sempre o olhar voltado para o Senhor, para que Ele esteja verdadeiramente no centro da vida pessoal e comunitária, tornando-nos "pedras vivas" da Igreja chamada hoje "a recolher as instâncias fundamentais do Concílio Vaticano II e do subsequente Magistério pontifício, em particular, do Papa Francisco". A esse respeito, Leão XIV recorda a exortação apostólica de São Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*:

Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados.

Nenhum batizado é estranho à missão

A unidade dos discípulos não é um fim em si mesma, mas está orientada para a missão. Na comunhão, afirma o Pontífice, a mensagem do Evangelho encontra toda a sua "força comunicativa". Foi isso que o Beato Paulo Manna resumiu com as palavras: "Toda a Igreja para o mundo inteiro", princípio que inspirou a fundação da *Pontifícia União Missionária* em 1916. Por ocasião do seu 110º aniversário, o Papa expressa a sua gratidão pelo compromisso desta instituição em "animar e formar o espírito missionário" dos sacerdotes, pessoas consagradas e fiéis leigos, favorecendo a união de todas as forças evangelizadoras.

Nenhum batizado é estranho ou indiferente à missão: todos, cada um segundo a sua vocação e condição de vida, participam na grande obra que Cristo confia à sua Igreja. Como o Papa Francisco recordou mais uma vez, o anúncio do Evangelho é sempre uma ação conjunta, comunitária, sinodal.

Unidade como convergência de diversos carismas

A missão evangélica insere-se neste sulco: preservar e nutrir uma espiritualidade de comunhão e colaboração missionária. Concretamente, isso significa olhar para os outros com "os olhos da fé", reconhecendo a bondade inspirada neles pelo Espírito, acolhendo "a diversidade como riqueza, carregando os fardos uns dos outros e buscando sempre a unidade que vem do Alto". É uma espiritualidade da vida cotidiana que se nutre, porém, de uma missão universal de evangelização, capaz de superar a fragmentação e a divisão.

Obviamente, a unidade missionária não deve ser entendida como uniformidade, mas como convergência dos diferentes carismas para o mesmo objetivo: tornar visível o amor de Cristo e convidar todos a um encontro com Ele. A evangelização realiza-se quando as comunidades locais colaboram entre si e quando as diferenças culturais, espirituais e litúrgicas se expressam plena e harmoniosamente na mesma fé. Encorajo, deste modo, as instituições e realidades eclesiais a fortalecer o sentido de comunhão missionária eclesial e a desenvolver com criatividade formas concretas de colaboração entre si para a missão e na missão.

O compromisso das Pontifícias Obras Missionárias

Não faltam organizações que, ao longo de sua história, promoveram essa comunhão, a começar pelas Pontifícias Obras Missionárias. Seu serviço, dividido em quatro entidades — *Propagação da Fé, Infância Missionária, São Pedro Apóstolo e União Missionária* — foi vivenciado em primeira mão pelo Pontífice durante seu ministério episcopal e missionário no Peru.

Elas continuam a alimentar e a formar a "consciência missionária" compartilhada, apoiando uma rede de oração e caridade que une as comunidades de todo o mundo. Significativamente, o Papa recorda que a fundadora da Sociedade para a Propagação da Fé, a Beata Paulina Maria Jaricot, idealizou o Rosário Vivo há duzentos anos, que ainda hoje une numerosos fiéis, mesmo aqueles que vivem longe, em oração pelas necessidades espirituais e missionárias. Além disso, foi precisamente por iniciativa desta Obra que o Dia Mundial das Missões foi instituído há cem anos, cujas ofertas anuais são distribuídas, em nome do Papa, para as necessidades da missão da Igreja.

As quatro Obras, em conjunto e cada uma na sua especificidade, continuam a desempenhar um papel precioso para toda a Igreja. Elas são um sinal vivo da unidade e da comunhão missionária eclesial. Convido todos a colaborar com elas com espírito de gratidão.

O amor é a essência da evangelização

"Se a unidade é a condição da missão, o amor é a sua essência", escreve o Papa, explicando que a Boa Nova que somos enviados a anunciar ao mundo não é um ideal abstrato: é o "Evangelho do amor fiel de Deus, encarnado no rosto e na vida de Jesus Cristo". Esta vocação é a continuação, no Espírito Santo, da missão de Cristo, que nasce do amor, que se vive no amor e que conduz ao amor. Não é por acaso que Jesus conclui a oração antes da Paixão com as palavras: "*O amor que me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também*".

Da mesma forma, ao longo dos séculos, numerosos cristãos, mártires, confessores, missionários, deram a vida para dar a conhecer este amor divino ao mundo. Assim, a missão evangelizadora da Igreja continua guiada pelo Espírito Santo, Espírito de amor, até ao fim dos tempos.

O mundo precisa de testemunhas corajosas

Daí, o agradecimento do Pontífice aos atuais missionários e missionárias "ad gentes": pessoas que, como São Francisco Xavier, deixaram a sua terra, a sua família e as seguranças para anunciar o Evangelho, levando Cristo e o seu amor a lugares muitas vezes difíceis, pobres, marcados por conflitos ou culturalmente distantes. Apesar das adversidades e dos limites humanos, eles continuam a doar-se com alegria porque sabem que o próprio Cristo, com o seu Evangelho, é a maior riqueza a partilhar. Com a sua perseverança, mostram que o amor de Deus é mais forte do que qualquer barreira.

O mundo ainda precisa destes corajosos testemunhos de Cristo, e também as comunidades eclesiais necessitam de novas vocações missionárias, que devemos sempre ter no coração e rezar continuamente por elas ao Pai. Que Ele nos conceda o dom de jovens e adultos dispostos a deixar tudo para seguir Cristo no caminho da evangelização até aos confins da terra!

A oração escrita pelo Papa

O Papa conclui enfatizando que todo apoio concreto oferecido por ocasião do Dia Mundial das Missões é "um ato significativo de comunhão missionária", expressando gratidão por tudo o que será feito, como já afirmado na mensagem em vídeo para a edição de 2025 deste Dia, "para me ajudar a ajudar os missionários em todo o mundo". A mensagem termina com uma oração:

Pai santo, concedei-nos ser um em Cristo, enraizados no seu amor que une e renova. Fazei que todos os membros da Igreja sejam unidos na missão, dóceis ao Espírito Santo, corajosos no testemunho do Evangelho, anunciando e encarnando todos os dias o vosso amor fiel por cada criatura.

Abençoai os missionários e as missionárias, sustentai-os no seu esforço, guardai-os na esperança!

Maria, Rainha das missões, acompanhai a nossa obra evangelizadora em todos os cantos da terra: tornai-vos instrumentos de paz e fazei que o mundo inteiro reconheça em Cristo a luz que salva. Amém.

Fonte: Vatican News

Bispos de Porto Rico recebidos pelo Papa: palavras de apoio para nosso trabalho pastoral

O Pontífice recebeu a Conferência Episcopal de Porto Rico, em 'visita ad limina'. O presidente, dom Eusebio Ramos Morales afirma: "Foi uma experiência de alegria, grande fé e muita esperança"

Vatican News

"Um momento especial, bem como uma experiência de alegria, grande fé e muita esperança". Com essas palavras, dom Eusebio Ramos Morales, bispo de Caguas e presidente da Conferência Episcopal de Porto Rico, descreveu a 'visita ad limina' de sexta-feira, 23 de janeiro, a Leão XIV, no Palácio Apostólico vaticano.



O Papa Leão XIV recebe os bispos de Porto Rico em visita 'ad limina' (@Vatican Media)

Falando à mídia vaticana, dom Eusébio explicou: após muitos anos de espera, a Conferência Episcopal de Porto Rico, composta de seis bispos, pôde, finalmente, se encontrar com o Papa na Sala da Biblioteca do Palácio Apostólico, no Vaticano.

O presidente da Conferência Episcopal de Porto Rico disse ainda: "O encontro nos encheu de grande entusiasmo, seja por conhecer pela primeira vez o Santo Padre, seja pelo encontro como Conferência Episcopal e, sobretudo, por ouvirmos suas palavras de encorajamento, solidariedade e comunhão conosco, como apoio ao nosso trabalho pastoral. Estamos todos, realmente, repletos de esperança e alegria".

Fonte: Vatican News

MENSAGEM DO PAPA LEÃO XIV PARA O 100º DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

[18 de outubro de 2026]

Um em Cristo, unidos na missão

Queridos irmãos e irmãs!

Para o Dia Mundial das Missões de 2026, que marca o centenário desta celebração, instituída por Pio XI e tão estimada pela Igreja, escolhi o tema «Um em Cristo, unidos na missão». Após o Ano Jubilar, desejo exortar toda a Igreja a prosseguir o caminho missionário com alegria e zelo no Espírito Santo, o que requer corações unificados em Cristo, comunidades reconciliadas e, em todos, disponibilidade para colaborar com generosidade e confiança.

Refletindo sobre o nosso ser *um em Cristo e unidos na missão*, deixemo-nos guiar e inspirar pela graça divina, para «renovar em nós o fogo da vocação missionária» e avançar juntos no empenho pela evangelização, numa «nova era missionária» na história da Igreja (Homilia na Missa pelo Jubileu do Mundo Missionário e dos Migrantes, 5 de outubro de 2025).

1. Um em Cristo. Discípulos-missionários unidos n'Ele e com os irmãos e irmãs

No centro da missão está o mistério da união com Cristo. Antes da sua Paixão, Jesus orou ao Pai: «Para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós» (Jo 17, 21). Nestas palavras, revela-se o desejo mais profundo do Senhor Jesus e, ao mesmo tempo, a identidade da Igreja, comunidade dos seus discípulos: ser uma comunhão que nasce da Trindade e que vive da e na Trindade, ao serviço da fraternidade entre todos os seres humanos e da harmonia com todas as criaturas.

Ser cristão não é, em primeiro lugar, um conjunto de práticas ou ideias: é uma vida em união com Cristo, na qual nos tornamos participantes da relação filial que Ele vive com o Pai no Espírito Santo. Significa permanecer em Cristo como os ramos na videira (cf. Jo 15, 4), imersos na vida trinitária. Desta união, brota a comunhão recíproca entre os crentes e nasce toda a fecundidade missionária. Sim, como ensinou São João Paulo II, a comunhão representa a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão (cf. Exort. ap. Christifideles laici, 32).

Sendo assim, a primeira responsabilidade missionária da Igreja é renovar e manter viva a unidade espiritual e fraterna entre os seus membros. Em muitas situações, assistimos a conflitos, polarizações, incompreensões, desconfiança mútua. Quando, também nas nossas comunidades, isto acontece, o seu testemunho enfraquece. A missão evangelizadora, que Cristo confiou aos discípulos, requer primeiramente corações reconciliados e desejosos de comunhão. Nesta ótica, será importante intensificar o compromisso ecumênico com todas as Igrejas cristãs, aproveitando também as oportunidades suscitadas pela comum celebração do 1700.º aniversário do Concílio de Nicéia.

Por último, mas não menos importante, ser «um em Cristo» chama-nos a manter sempre o olhar voltado para o Senhor, para que Ele esteja verdadeiramente no centro da vida pessoal e comunitária, de cada palavra, ação, relação interpessoal, de modo a fazer-nos dizer com admiração: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 20). Isto será possível na escuta constante da sua Palavra e na graça dos Sacramentos, para sermos pedras vivas da Igreja, chamada hoje a recolher as instâncias fundamentais do Concílio Vaticano II e do subsequente Magistério pontifício, em particular, do Papa Francisco. Realmente, como afirma São Paulo, «não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor» (2 Cor 4, 5). Reitero, portanto, as palavras de São Paulo VI: «Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados» (Exort. ap. Evangelii nuntiandi, 22). Tal processo de genuína evangelização começa a partir do coração de cada cristão para depois se expandir a toda a humanidade.

Por conseguinte, quanto mais estivermos unidos em Cristo, mais poderemos realizar juntos a missão que Ele nos confia.

2. Unidos na missão. Para que o mundo creia em Cristo Senhor

A unidade dos discípulos não é um fim em si mesma: ela está orientada para a missão. Jesus afirma-o com clareza: «para que assim [...] o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo 17, 21). É no testemunho de uma comunidade reconciliada, fraterna e solidária que o anúncio do Evangelho encontra toda a sua força comunicativa.

Nesta perspectiva, vale a pena recordar o lema do Beato Paulo Manna: «Toda a Igreja para o mundo inteiro», que expressa sinteticamente o ideal que animou a fundação, em 1916, da *Pontifícia União Missionária*. A ela, no seu 110.º aniversário, pelo empenho em animar e formar o espírito missionário de sacerdotes, pessoas consagradas e fiéis leigos, favorecendo a união de todas as forças evangelizadoras, vai o meu reconhecimento e a minha bênção. Com efeito, nenhum batizado é estranho ou indiferente à missão: todos, cada um segundo a sua vocação e condição de vida, participam na grande obra que Cristo confia à sua Igreja. Como o Papa Francisco recordou mais de uma vez, o anúncio do Evangelho é sempre uma ação conjunta, comunitária, sinodal.

Por isso, estar unidos na missão significa guardar e alimentar a espiritualidade de comunhão e colaboração missionária. Crescendo dia a dia nessa atitude, aprendemos com a graça divina a olhar cada vez mais para os nossos irmãos e irmãs com olhos de fé, a reconhecer com alegria o bem que o Espírito suscita em cada um, a acolher a diversidade como riqueza, a carregar os fardos uns dos outros e a buscar constantemente a unidade que vem do Alto. Pois temos juntos uma única missão que nos vem de «um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por todos e permanece em todos» (Ef 4, 5-6). Esta espiritualidade constitui a forma quotidiana do discipulado missionário. Ela ajuda-nos a recuperar uma visão universal da missão evangelizadora da Igreja, superando a fragmentação dos esforços e divisões de facções – “de Paulo”, “de Apolo” – entre os seguidores do único Senhor (cf. *1 Cor* 1, 10-12).

Obviamente, a unidade missionária não deve ser entendida como uniformidade, mas como convergência dos diferentes carismas para o mesmo objetivo: tornar visível o amor de Cristo e convidar todos a um encontro com Ele. A evangelização realiza-se quando as comunidades locais colaboram entre si e quando as diferenças culturais, espirituais e litúrgicas se expressam plena e harmoniosamente na mesma fé. Encorajo, deste modo, as instituições e realidades eclesiais a fortalecer o sentido de comunhão missionária eclesial e a desenvolver com criatividade formas concretas de colaboração entre si para a missão e na missão.

A propósito, agradeço às *Pontifícias Obras Missionárias* pelo serviço à cooperação missionária, que experimentei com apreço já durante o meu ministério no Peru. Estas obras – *Propagação da Fé, Infância Missionária, São Pedro Apóstolo e União Missionária* – continuam a alimentar e a formar a consciência missionária dos fiéis, seja dos pequenos aos crescidos, e a promover uma rede de oração e caridade que une as comunidades de todo o mundo. É significativo que a fundadora da *Obra para a Propagação da Fé*, a Beata Pauline Marie Jaricot, tenha idealizado, há duzentos anos, o Rosário Vivo, que ainda hoje reúne à distância numerosos fiéis em grupos para rezar pelas necessidades espirituais e missionárias. É importante recordar que, precisamente a partir de uma proposta da *Obra para a Propagação da Fé*, Pio XI instituiu, em 1926, a celebração do Dia Mundial das Missões, cujas ofertas recolhidas anualmente são por ela distribuídas, em nome do Papa, para as várias necessidades da missão da Igreja. Desta forma, as quatro Obras, em conjunto e cada uma na sua especificidade, continuam a desempenhar um papel precioso para toda a Igreja. Elas são um sinal vivo da unidade e da comunhão missionária eclesial. Convido todos a colaborar com elas com espírito de gratidão.

3. Missão do amor. Anunciar, viver e partilhar o amor fiel de Deus

Se a unidade é a condição da missão, o amor é a sua essência. A Boa Nova que somos enviados a anunciar ao mundo não é um ideal abstrato: é o Evangelho do amor fiel de Deus, encarnado no rosto e na vida de Jesus Cristo.

A missão dos discípulos e de toda a Igreja é a continuação, no Espírito Santo, da missão de Cristo: uma missão que nasce do amor, que se vive no amor e que conduz ao amor. Tanto é verdade que o próprio Senhor, na sua grande oração ao Pai antes da Paixão, depois de invocar a unidade dos discípulos, conclui assim: «O amor que me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também» (Jo 17, 26). Os Apóstolos, portanto, evangelizaram movidos pelo amor de Cristo e por Cristo (cf. *2 Cor* 5, 14). Da

mesma forma, ao longo dos séculos, numerosos cristãos, mártires, confessores, missionários, deram a vida para dar a conhecer este amor divino ao mundo. Assim, a missão evangelizadora da Igreja continua guiada pelo Espírito Santo, Espírito de amor, até ao fim dos tempos.

Por isso, desejo agradecer especialmente aos atuais missionários e missionárias *ad gentes*: pessoas que, como São Francisco Xavier, deixaram a sua terra, a sua família e as seguranças para anunciar o Evangelho, levando Cristo e o seu amor a lugares muitas vezes difíceis, pobres, marcados por conflitos ou culturalmente distantes. Apesar das adversidades e dos limites humanos, eles continuam a doar-se com alegria porque sabem que o próprio Cristo, com o seu Evangelho, é a maior riqueza a partilhar. Com a sua perseverança, mostram que o amor de Deus é mais forte do que qualquer barreira. O mundo ainda precisa destes corajosos testemunhos de Cristo, e também as comunidades eclesiais necessitam de novas vocações missionárias, que devemos sempre ter no coração e rezar continuamente por elas ao Pai. Que Ele nos conceda o dom de jovens e adultos dispostos a deixar tudo para seguir Cristo no caminho da evangelização até aos confins da terra!

Admirando os missionários e as missionárias, faço um apelo especial à Igreja: unirmo-nos todos a eles na missão evangelizadora através do testemunho da vida em Cristo, da oração e do contributo para as missões. Muitas vezes, bem o sabemos, «o Amor não é amado», como disse São Francisco de Assis, a quem olhamos de modo particular pelos oitocentos anos do seu trânsito para o Céu. Deixemo-nos contagiar pelo seu desejo de viver no amor do Senhor e de o transmitir ao próximo e ao distante, porque, como ele afirmava, «muito se deve amar o amor d'Aquele que muito nos amou» (São Boaventura de Bagnoregio, *Legenda Maior*, cap. IX, 1; *Fontes franciscanas*, 1161). Sentimo-nos também estimulados pelo zelo de Santa Teresinha do Menino Jesus, que se propôs continuar a sua missão mesmo depois da morte, declarando: «No Céu, desejarei a mesma coisa que na terra: amar Jesus e fazê-Lo amar» (*Carta ao reverendo M. Bellière*, 24 de fevereiro de 1897).

Animados por estes testemunhos, comprometamo-nos todos a contribuir, cada um segundo a própria vocação e dons recebidos, para a grande missão evangelizadora, que é sempre obra do amor. As vossas orações e o vosso apoio concreto, especialmente por ocasião do Dia Mundial das Missões, serão uma grande ajuda para levar o Evangelho do amor de Deus a todos, especialmente aos mais pobres e necessitados. Cada dom, mesmo o menor entre eles, torna-se um ato significativo de comunhão missionária. Por isso, renovo o meu sincero agradecimento «por tudo o que fareis para me ajudar a ajudar os missionários em todo o mundo» (*Videomensagem para o Dia Mundial das Missões 2025*). E para promover a comunhão espiritual, deixo-vos, com a minha bênção, esta simples oração:

Pai santo, concedei-nos ser um em Cristo, enraizados no seu amor que une e renova. Fazei que todos os membros da Igreja sejam unidos na missão, dóceis ao Espírito Santo, corajosos no testemunho do Evangelho, anunciando e encarnando todos os dias o vosso amor fiel por cada criatura.

Abençoai os missionários e as missionárias, sustentai-os no seu esforço, guardai-os na esperança!

Maria, Rainha das missões, acompanhai a nossa obra evangelizadora em todos os cantos da terra: tornai-vos instrumentos de paz e fazei que o mundo inteiro reconheça em Cristo a luz que salva. Amém.

Vaticano, no III domingo do Tempo Comum, Festa da Conversão de São Paulo Apóstolo, 25 de janeiro de 2026

LEÃO PP. XIV